

ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM INGLÊS: ABORDAGEM INTERCULTURAL PARA ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

KAMILA MENDES DA SILVA¹; BERNARDO KOLLING LIMBERGER²; RAFAEL VETROMILLE-CASTRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – kamilamendes96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vetromillecastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A leitura em língua inglesa se tornou indispensável no meio acadêmico devido ao status de língua global e internacional que o inglês possui. Entende-se leitura aqui como a interação entre o texto e o leitor (SOLÉ, 1990), isto é, o leitor precisa ter a devida proficiência para poder compreender melhor o texto que está lendo. Estratégias de aprendizagem podem auxiliar na compreensão da leitura. De acordo com Oxford (1990), essas estratégias são os procedimentos feitos pelo estudante para melhorar a sua própria aprendizagem.

Todavia, muitos estudantes chegam ao ensino superior com pouca ou nenhuma proficiência na língua inglesa. Esse fator pode contribuir para acarretar abandono ou evasão dos cursos. Na UFPel, existem os cursos de extensão ministrados por alunos das licenciaturas em Letras, além do programa Idioma Sem Fronteiras (ANDIFES, 2021) que conta com cursos de línguas gratuitos, não só de inglês, muitas vezes, proporcionando um primeiro contato com a língua.

Os estudantes indígenas e quilombolas ingressantes nos cursos de graduação e pós-graduação da UFPel possuem uma educação escolar diferenciada. Desde 1998, na Constituição Federal, os povos indígenas têm direito a uma “Educação Escolar Específica, Diferenciada, Intercultural, Bilíngue/Multilíngue e Comunitária, que respeite os processos próprios de ensino-aprendizagem de cada povo. (LUCIANO; SIMAS; GARCIA, 2020, p. 580). Já a comunidade quilombola só foi adquirir direitos sobre a sua educação em 2003 com mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, com a inclusão no currículo do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (Lei nº 10.639), entretanto, ouviu-se pela primeira vez sobre Educação Escolar Quilombola somente no ano de 2004 no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004). Mesmo assim, a educação escolar quilombola ainda é um projeto em desenvolvimento.

Além de terem que lidar com uma drástica mudança cultural, social e até mesmo linguística, esses estudantes ainda precisam lidar com a pouca ou a falta de proficiência na língua inglesa. Durante a minha graduação, fui monitora de língua inglesa e produção textual de estudantes indígenas e quilombolas da UFPel, e foi quando percebi que mesmo já havendo cursos de línguas oferecidos pela universidade, esses alunos preferiam participar as monitorias, onde estariam com colegas quilombolas e indígenas sentindo-se mais confortáveis para expor suas dúvidas, além de não se sentirem julgados por outros alunos que não conhecem a sua realidade cultural.

Portanto, na minha pesquisa de mestrado, proponho oficinas de leitura em língua inglesa, numa abordagem intercultural para estudantes indígenas e

quilombolas, no intuito de aproximá-los das ações da universidade de contribuir para a sua permanência no ensino superior. Para isso, foi feito um questionário de sondagem e um teste de leitura antes e depois das oficinas, nas quais foram trabalhadas diferentes estratégias de leitura seguindo uma abordagem intercultural (BYRAM, 2008; SARMENTO, 2004; WALSH, 2019).

2. METODOLOGIA

Baseando-se na perspectiva intercultural de ensino (BYRAM, 2008) e nas estratégias de leitura em língua estrangeira (OXFORD, 1990), foram propostas com esta pesquisa atividades de leitura que se aproximem mais do contexto de alunos indígenas e quilombolas. O objetivo geral da pesquisa foi investigar a contribuição de estratégias de leitura em língua inglesa, abordadas de forma intercultural, na compreensão de textos em inglês de estudantes indígenas e quilombolas da Universidade Federal de Pelotas. Para tanto, foi feito um questionário de sondagem com todos os alunos indígenas e quilombolas matriculados na instituição, uma entrevista com a estudante que pode participar das oficinas, a elaboração de oficinas de leitura em inglês e um teste de leitura.

Primeiramente, o objetivo do questionário de sondagem foi de levantar quais estudantes precisavam de leitura em língua inglesa em seus respectivos cursos e quais seriam as maiores dificuldades, caso houvessem, na leitura desses textos. Então, a partir desse questionário, todos os alunos foram convidados a participar da pesquisa, entretanto, como as atividades presenciais na UFPel ainda estavam retornando, não houve grande procura por parte dos estudantes. A participante da pesquisa foi uma aluna indígena do curso de Medicina. Com essa aluna, chamada aqui pelo pseudônimo de Paula, foi feita uma entrevista sobre o seu histórico de linguagem e sua relação com a língua inglesa.

A partir das respostas da entrevista e do questionário, foram elaboradas as oficinas de leitura em língua inglesa, nas quais estudamos 10 estratégias de leitura propostas por Oxford (1990). Antes das oficinas, a participante foi submetida a um teste de leitura que seria reaplicado ao fim das oficinas. O teste consistia em ler um texto de divulgação científica em inglês e responder a 10 perguntas em português sobre o texto. O teste serviu para medir a efetividade das estratégias e também entender qual nível de proficiência a participante se encontrava.

Por conta da coleta de dados ter sido somente no fim do semestre de 2022, os três primeiros encontros das oficinas ocorreram presencialmente e os últimos 2 de forma remota. Durante as oficinas, foram estudadas as estratégias que poderiam auxiliar a participante no teste de leitura e na leitura de textos para a sua graduação e tratava de temáticas relacionadas à cultura indígena, quilombola e negra como mencionado no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: temas e estratégias abordados nas oficinas

Encontro	Tema geral	Estratégias abordadas (cf. OXFORD, 1990)
1	Língua Inglesa no mundo	Introduzir os alunos à língua inglesa no mundo e às estratégias de leitura

2	Os direitos da Amazônia	Utilizar as estratégias: de memorização: (criação de elos mentais) e a estratégia de criar estrutura para <i>input</i> e <i>output</i>
3	Diáspora e preconceito racial	Utilizar as estratégias: compensação (recorrer à L1) e <i>skimming</i>
4	Terras Livres	Utilizar as estratégias: de memorização (emprego de ações) e traduzir
5	Direitos Indígenas	Utilizar as estratégias: cognitiva (praticar, ler a mesma passagem) e uso de fórmulas e padrões

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do questionário de sondagem, foi possível constatar que a maioria dos estudantes indígenas e quilombolas necessita de leitura em inglês em seus cursos. Dos cerca de 60 alunos indígenas e quilombolas então matriculados, 11 responderam, sendo que 10 afirmaram sentirem falta de auxílio na leitura de textos acadêmicos em inglês. Ainda, os cursos que apareceram foram Agronomia, Direito, Enfermagem, Medicina, Nutrição e Fisioterapia, isto é, a maioria são de cursos da área da saúde.

Através da entrevista e dos momentos de discussão durante as oficinas, foi constatado o desconforto da participante na sua chegada à universidade. Em uma de suas respostas na entrevista, ela diz ter sentido muitos olhares da comunidade acadêmica e não se sentia incluída nas atividades e pelos veteranos do curso. Sobre a língua, a participante considera o português sua língua materna, pois teve pouco contato com a língua indígena, do tronco pano, na sua comunidade. Disse não ter tido uma boa aprendizagem de língua inglesa no período escolar e que sente falta desse conhecimento na faculdade.

As oficinas foram planejadas baseando-se na seguinte estrutura (SCHLATTER, 2018): (1) atividade de pré-leitura; (2) atividade de leitura; (3) dica gramatical; (4) atividades sobre a estratégia em si; (5) discussão intercultural. Procurou-se trazer textos de divulgação científica, que, do meu ponto de vista, são mais fáceis de ler do que textos acadêmicos, e utilizando as estratégias ela poderia ter condições de ler textos de qualquer gênero. Ao final de cada oficina, fazíamos a discussão intercultural tratando sobre a temática do texto contextualizando com a vivência da participante, fazendo uma troca intercultural.

O teste de leitura foi aplicado antes e depois das oficinas para medir a efetividade das práticas, no primeiro teste, a participante acertou 7 das 10 questões, e na última aplicação após ter conhecimento das estratégias acertou 8 questões. Na primeira aplicação, a participante levou pouco tempo para responder o teste, fazendo uma breve leitura e respondendo às perguntas de forma aleatória. Já na segunda aplicação ela demorou o dobro de tempo mostrando estar preocupada em entender o texto e aplicar as estratégias que aprendeu nas oficinas.

4. CONCLUSÕES

Os estudantes indígenas e quilombolas da universidade precisam de auxílio na leitura de textos em inglês. Também podemos dizer que, sendo eles de cursos da área da saúde, poderiam ser feitas mais monitorias com o inglês mais

específico e direcionado a esses cursos. A UFPel faz um grande trabalho com ações afirmativas e políticas linguísticas para o ingresso de estudantes indígenas e quilombolas, mas para que a sua permanência seja garantida, eles precisam de amparo nessas questões mais acadêmicas. Além do fato de estarem saindo de sua comunidade e indo de encontro a uma cultura e costumes diferentes, precisam lidar com dificuldade de leitura de textos que podem acarretar numa evasão.

As oficinas de leituras auxiliaram a participante, pois favoreceram a sua autonomia na leitura em língua inglesa. Mesmo que haja a oferta de cursos de línguas, os estudantes indígenas e quilombolas preferem estar em uma sala de aula de línguas onde estão pessoas com contexto social e cultural semelhantes às deles. Portanto, a abordagem intercultural dentro da sala de aula de língua é importante para esses estudantes, pois possibilita que haja um diálogo e inclusão de sua cultura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES. **Rede ANDIFES Nacional de Especialista em Língua Estrangeira.** Idioma Sem Fronteiras. Disponível em:
https://www.andifes.org.br/?page_id=82328. Acesso em 31 nov. 2021.

BRASIL. **CNE/CP Resolução 1/2004 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

BYRAM, M. **From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship: Essays and Reflections.** British Library Cataloguing in Publication Data: Ontario, 2008.

LUCIANO, R. R. DE F.; SIMAS, H. C. P.; GARCIA, F. M. Políticas públicas para indígenas: da educação básica ao ensino superior. **Interfaces da Educação**, v. 10, n. 28, p. 468–496, 2020.

OXFORD, R. L. **Language learning strategies: what every teacher should know.** Boston: Heinle & Heinle, 1990.

SARMENTO, S. Ensino de Cultura na Aula de Língua Estrangeira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 2, p. 1–22, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

SCHLATTER, M. Óculos de leitura. Aula de Português para Formação de Leitores. **Na Ponta do Lápis**, n. 31, p. 36-41. 2018

WALSH, C. Interculturalidade e Decolonialidade Do Poder um Pensamento e Posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. Tradução: Daniele da Silva Proença; Andrea Cristiane Kahmann; Márcia Rodrigues Bertoldi. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)**, v. 05, n.1, p. 6–39, 2019.